

Expositor: Oscar Pacheco - El Salvador (<https://www.youtube.com/@MegafonoAdventista>)

Exibidas por: Rendición Media - Porto Rico (<https://www.youtube.com/@rendicionmedia>)

Exibidas em: 07/02/2026

Apresentações originais em espanhol disponíveis em:

<https://www.youtube.com/watch?v=pIDHZV6yaLw&t=16s>

Tradução e divulgação: Biblioteca 1888 (biblioteca1888.org)

MINISSÉRIE: PRECISOSAS PROMESSAS

1 - O PACTO DA PROMESSA

O primeiro tema que vamos abordar nesta série se intitula "O Pacto da Promessa". Para começar, gostaria de compartilhar uma história: a história de Bernie Madoff. Ele foi um investidor americano e uma das figuras mais conhecidas do mundo financeiro por orquestrar o maior esquema de fraude piramidal da história. Fundou sua empresa em 1960 e, com o tempo, ganhou a reputação de investidor confiável e bem-sucedido, com fortes conexões em Wall Street. Chegou a ser presidente da Nasdaq, uma das bolsas de valores mais importantes do mundo. Sua imagem pública era a de um especialista respeitado e um filantropo generoso. No entanto, por trás dessa fachada respeitável, operava-se uma vasta fraude.

Madoff alegava oferecer retornos estáveis e altos, independentemente das condições de mercado, algo que muitos consideravam quase milagroso. Na realidade, ele não investia o dinheiro de seus clientes; simplesmente usava o dinheiro de novos investidores para pagar os antigos, criando a ilusão de lucros constantes. Este esquema de pirâmide funcionou durante décadas porque Madoff selecionava cuidadosamente seus clientes, cultivava exclusividade e mantinha a operação em segredo. O golpe envolvia investidores individuais, bancos europeus, instituições de caridade e fundos de investimento, acumulando perdas estimadas em cerca de US\$ 65 bilhões.

Finalmente, a fraude desmoronou em 2008, durante a crise financeira global, quando muitos clientes tentaram sacar seus fundos simultaneamente. Madoff não conseguiu encobrir os saques e tudo veio à tona. Ele confessou aos filhos, que o denunciaram às autoridades. O destino final de seus filhos foi trágico. Seu filho Mark se suicidou em 2010 devido à pressão gerada pelo escândalo e pelas falsas acusações que sugeriam seu envolvimento no caso, e Andrew morreu de linfoma em 3 de setembro de 2014. Em 2009,

Madoff foi considerado culpado de várias acusações, incluindo fraude, lavagem de dinheiro e declarações falsas. Ele foi condenado a 150 anos de prisão. Ele finalmente morreu na prisão em 2021.

A propósito, a história desse homem foi levada às telas de cinema em 2017 com o filme "O Mago das Mentiras" (*The Wizard of Lies*), estrelado por Robert De Niro, que retrata com maestria a vida dupla de Madoff e o inferno pessoal e familiar que ele teve que suportar após sua fraude ser exposta.

Quantas pessoas leram os relatórios de investimento de Bernie Madoff durante anos? Os relatórios que ele lhes enviava, e elas acreditavam sinceramente que seu dinheiro estava crescendo. Cada documento mostrava números estáveis, lucros consistentes e uma aparente prosperidade financeira. Mas tudo era uma ilusão, absolutamente tudo. Enquanto os investidores comemoravam os resultados, na realidade, seu dinheiro já havia desaparecido. Eles estavam confiando em um crescimento fictício baseado unicamente em relatórios fraudulentos.

Essa mesma ilusão também pode ocorrer no âmbito espiritual. Muitas vezes, acreditamos possuir um sólido entendimento de certos temas bíblicos ou doutrinários. Confiamos no conhecimento que acumulamos a partir das opiniões de outros ou de nossas próprias experiências religiosas. Pensamos: "Eu já sei disso. Eu já entendo esse conceito. Já ouvi muitos sermões sobre esse assunto", mas o que realmente temos é apenas uma fotografia distorcida, uma percepção incompleta que nos dá uma sensação de segurança sem verdadeira profundidade espiritual. Com razão, o apóstolo Paulo escreveu em 1 Coríntios 8:2: "E, se alguém pensa que sabe alguma coisa, ainda não sabe como convém saber". Assim como os investidores de Madoff se contentavam em ver números em um pedaço de papel que pareciam corretos, nós também podemos nos contentar com crenças superficiais que parecem corretas, mas não têm fundamento bíblico.

Pessoalmente, acredito que uma dessas crenças distorcidas é a forma como o pacto eterno é entendido, que nada mais é do que o plano de salvação. Na Conferência Geral de Minneapolis, em 1888, "em Sua grande misericórdia", de acordo com o que está registrado em Testemunhos para Ministros, pág. 91: "O Senhor enviou uma mensagem preciosíssima ao Seu povo por meio dos pastores Waggoner e Jones".

O cerne ou a essência desta mensagem era uma compreensão revigorante e sólida sobre o tema dos pactos, que diferia muito da abordagem dispensacionalista e bilateral que, durante

anos, fora considerada correta e imutável dentro do adventismo. Em 16 de março de 1890, o Senhor deu a Ellen White uma visão na qual lhe mostrou que o Espírito Santo havia dado ao Pastor Waggoner a interpretação correta a respeito do pacto eterno.

Nessa mesma revelação, foi-lhe mostrado que tanto o presidente da Conferência Geral, Pastor George Butler, quanto o editor da revista *Review and Herald*, Uriah Smith, estavam se opondo à luz que havia sido enviada do céu. Em uma carta ao Pastor Smith, Ellen White expressou claramente o que havia recebido do Senhor sobre esse assunto. Essa carta é a Carta 59, datada de 8 de março de 1890: “Anteontem, me foi mostrado que as evidências concernentes aos pactos eram claras e convincentes. Você mesmo — lembre-se de que a carta é endereçada a Uriah Smith. Você mesmo, Dan Jones, o Irmão Porter e outros estão desperdiçando em vão seus poderes de pesquisa para manter uma posição sobre os pactos que é diferente daquela apresentada pelo Irmão Waggoner. Quando vocês receberam a verdadeira luz que brilhou, não deveriam ter imitado ou seguido o mesmo tipo de interpretação e deturpação das escrituras que os judeus. Eles manipularam essas coisas de tal forma que conseguiram transformá-las em um meio de obscurecer e confundir as mentes. A questão do pacto é clara e será compreendida por toda mente sincera e imparcial. Mas fui guiada até lá, onde o Senhor me deu entendimento sobre este assunto”. Não há dúvida, após ler esta declaração, de que a posição do Pastor Waggoner sobre o pacto não era uma construção teológica humana, mas veio diretamente de Deus.

A pergunta imediata que devemos nos fazer é: Em que consistia essa posição? Qual era o conceito que ele estava apresentando a respeito do pacto eterno? O que você acha de permitir que o Pastor Wagoner responda por meio de seus escritos? Em seu comentário em *As Boas Novas: Gálatas, Versículo a Versículo*, na pág. 88, ele escreveu o seguinte: “Os pactos de Deus com o homem não podem ser nada além de promessas ao homem.” Preste muita atenção a essa declaração, porque veremos essa ideia ao longo do restante das Escrituras nesta apresentação. “Isso é tudo o que podemos fazer: receber. Deus nos promete tudo o que precisamos e mais do que podemos pedir ou imaginar como um presente. Nós nos entregamos a Ele; isto é, não lhe damos nada, e Ele se entrega a nós. Em outras palavras, Ele nos dá tudo. O que complica as coisas é que, embora o homem esteja disposto a reconhecer o Senhor em tudo, ele insiste em barganhar com Ele. Ele quer se elevar a um plano de semelhança com Deus e realizar uma transação em termos de igualdade com Ele. Mas qualquer pessoa que pretenda negociar com Deus deve fazê-lo nos termos que Ele estabelece. Isto é, com base no fato de que não temos nada e que não somos nada, e que Ele tem tudo, é tudo e é quem dá tudo”. Glória a Deus por essa declaração.

Para Waggoner, o pacto eterno não era um contrato entre partes iguais, como se Deus e a humanidade estivessem negociando no mesmo nível, sentados à mesma mesa para fazer promessas mútuas. Para Waggoner, o pacto era a promessa divina de salvação dada gratuitamente à humanidade. Em outras palavras, o pacto é essencialmente uma promessa. E esse foi o conceito que Ellen White endossou na Carta 59, classificando-o como um conceito que veio diretamente do céu.

Essa ideia, que é o eixo central da mensagem de 1888, tem um fundamento bíblico? O pacto é realmente uma promessa? Para responder a essas perguntas, percorreremos toda a Bíblia para explorar e compreender o verdadeiro significado do pacto eterno. Esse tema permeia e dá coerência a toda a Escritura, tornando-se praticamente o fio condutor de toda a narrativa bíblica. Que tal começarmos nossa jornada no livro de Gênesis? Especificamente em Gênesis 3:15, aquela passagem conhecida como o protoevangelho, visto que constitui a primeira profecia e, ao mesmo tempo, a primeira promessa registrada em toda a Escritura. No contexto da queda, Deus profere uma declaração que rompe as trevas do pecado com a luz da esperança em um Salvador prometido. As palavras do Senhor naquele momento foram: "Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a dela; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar."

Devemos nos perguntar: Gênesis 3:15 tem alguma relação com a aliança eterna? A promessa apresentada nesta passagem é uma referência direta ao pacto? Ellen White responde a esta questão crucial na seguinte citação encontrada em Patriarcas e Profetas, pág. 340: "O pacto da graça foi estabelecido primeiramente com o homem no Éden, quando, após a queda, foi dada a promessa divina de que a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente. Este pacto tornou disponível a todas as pessoas o perdão e a ajuda da graça de Deus para obedecerem no futuro por meio da fé em Cristo". Como você pode ver, Gênesis 3:15 é um anúncio claro e direto do sacrifício de Cristo. Esse sacrifício foi a base do pacto eterno. Esse sacrifício, de acordo com 1 Pedro 1:20, "já havia sido predestinado antes da fundação do mundo, mas foi revelado nestes últimos tempos por causa de vocês". Ou seja, o plano de salvação, como Ellen White o registra em O Desejado de Todas as Nações, na pág. 13, "o plano da nossa redenção, não foi uma reflexão posterior formulada após a queda de Adão. Foi uma revelação do mistério que por toda a eternidade permaneceu em silêncio. Foi uma manifestação dos princípios que, desde a eternidade, têm sido o fundamento do trono de Deus". Se Gênesis 3:15 é uma promessa e, ao mesmo tempo, a primeira referência ao pacto em toda a Escritura, então isso implica que esse pacto é, em sua essência, uma promessa, a promessa de um redentor que libertaria a humanidade do domínio do pecado. Não sei se vocês conseguem perceber a maravilhosa equivalência que Gênesis 3:15 revela em relação ao

pacto. O pacto é a promessa de um salvador. O pacto é o próprio Cristo. É por essa razão que o profeta Isaías escreveu o seguinte sobre o servo do Senhor, o servo sofredor. Em Isaías 42: 6-7: “Eu, o Senhor, te chamei em justiça; eu te tomarei pela mão. Eu te guardarei e te farei por pacto ao povo e luz para as nações, para abrir os olhos dos cegos, para libertar os prisioneiros da prisão e para soltar do cárcere os que jazem em trevas.”

A segunda menção do pacto no livro de Gênesis aparece no contexto do ápice do dilúvio. Em Gênesis 9:11-12, encontramos a seguinte declaração: “Estabeleço meu pacto com vocês, e nunca mais toda a carne será destruída pelas águas do dilúvio; nunca mais haverá dilúvio para destruir a terra.” E disse Deus: “Este é o sinal do pacto que estou fazendo entre mim e ti e todos os seres vivos que estão contigo, pacto por todas as gerações futuras.” Observe o que o Pastor Waggoner escreveu em seu comentário *As Boas Novas: Gálatas*, Versículo a Versículo, pág. 87, a respeito do pacto que Deus fez com Noé, a promessa que Deus lhe fez. “Após o dilúvio, Deus fez um pacto com todas as criaturas vivas da Terra — pássaros, animais e todos as bestas. Nenhuma delas prometeu nada em troca. Elas simplesmente receberam o favor de Deus. Isso é tudo o que podemos fazer: receber”. À luz da passagem que lemos em Gênesis 9:11-12, fica claro que o pacto é, por definição, uma promessa divina, não uma troca de promessas entre Deus e o homem. A promessa do pacto que Deus fez a Noé veio com um sinal. Qual foi esse sinal? O arco-íris.

Vamos agora considerar a explicação inspirada pelo dom profético referente a esse sinal. Qual era o significado do arco-íris? Veja o que Ellen White escreveu sobre isso no devocional matinal *Nossa Alta Vocação*, pág. 316: “Os anjos se alegraram ao contemplar este precioso sinal do amor de Deus pelo homem. O Redentor do mundo o contempla. Pois foi por meio de Sua intervenção que este arco foi colocado nos céus como um sinal ou pacto da promessa para o homem. O próprio Deus contempla o arco nas nuvens e se lembra de Seu pacto eterno entre Ele e o homem. O arco-íris representa o amor de Cristo que envolve a terra e alcança as profundezas dos céus, relacionando os homens a Deus e unindo a terra ao céu”. A conexão de ideias neste parágrafo que acabamos de ler é verdadeiramente fascinante.

Primeiro, a citação diz que o arco-íris constitui um sinal ou pacto de promessa para o homem. Em seguida, afirma que o arco-íris representa o amor de Cristo que envolve a terra. À luz dessa equivalência de conceitos, torna-se evidente que o pacto e o amor de Cristo são essencialmente uma só e a mesma realidade. Quão maravilhoso é saber que esse sinal do pacto não apenas iluminou o céu após o dilúvio, mas também brilha agora no trono eterno de Deus. Observe o que João escreveu em Apocalipse 4:3: “Quando ele viu Deus Pai assentado no seu trono, eis que havia um arco-íris ao redor do trono, semelhante à

esmeralda". Isso nos lembra que a fidelidade divina é uma verdade eterna ancorada no próprio centro do governo celestial. Cada vez que contemplamos o arco-íris na Terra, somos convidados a confiar plenamente que o Senhor jamais se esquece de suas promessas, porque sua misericórdia e seu pacto permanecem para sempre.

Nossa jornada em busca do pacto eterno nos leva a uma das histórias mais emblemáticas e significativas das Escrituras: a história de Abraão. Examinemos agora a primeira passagem em que Deus revela seu pacto ao patriarca. Gênesis 15:18, o texto diz: "Naquele dia, o Senhor fez um pacto com Abraão, dizendo: 'À tua descendência darei esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio Eufrates'". Como podemos ver, o pacto feito a Abraão também consistia em uma promessa. Qual era essa promessa? Um descendente que herdaria a terra. Inicialmente, essa promessa foi parcialmente cumprida em Isaque. No entanto, o apóstolo Paulo esclarece que a semente prometida era, na verdade, o próprio Cristo, em quem todas as promessas alcançariam seu cumprimento final e completo. Veja o que ele escreveu em Gálatas 3-16: "Ora, a Abraão foram feitas as promessas e a sua descendência. Ele não disse às suas descendências, como se falasse de muitos, mas como de um só: E à tua descendência, que é Cristo".

Novamente, podemos ver como o conceito de pacto está indissolivelmente ligado a Cristo. Sempre que a Bíblia menciona a promessa do pacto, seu cumprimento, seu fundamento ou sua garantia, ela sempre nos conduz à pessoa de Cristo. O pacto não se centra no que os seres humanos podem fazer, mas na pessoa e na obra do Redentor. Cristo é o fiador do pacto eterno.

É interessante observar o que acontece imediatamente após Abraão receber a promessa da aliança em Gênesis 15. Embora Deus lhe tivesse falado claramente, Abraão anseia por uma confirmação visível para que possa reafirmar a certeza da herança prometida. É por essa razão que, em Gênesis 15:8, ele pergunta: "Como saberei que a herdarei?". A resposta de Deus é profundamente significativa. O Senhor lhe concede um sinal solene, e esse sinal assume a forma de uma cerimônia pactual.

Ellen White escreve em Patriarcas e Profetas, na página 116, comentando sobre esse episódio em Gênesis 15: "O Senhor dignou-se a fazer uma aliança com seu servo, empregando as formas costumeiras entre os homens para a ratificação de contratos solenes. Ora, em que consistia esse pacto? Vamos ler o que diz Gênesis 15:9-10,17-18: "E ele lhe disse: 'Traga-me uma novilha de três anos, uma cabra de três anos, um carneiro de três anos, uma rola e um pombinho.' E ele tomou tudo isso, cortou-o ao meio e colocou cada metade em frente à outra,

mas não cortou as aves ao meio. E aconteceu que, quando o sol se pôs e caiu a escuridão, viu-se uma fogueira fumegante, e uma tocha de fogo passou entre os pedaços dos animais. Naquele dia, o Senhor fez um pacto com Abraão, dizendo: ‘À tua descendência darei esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio Eufrates’”. Naqueles tempos, alguns contratos ou acordos solenes eram formalizados pelo sacrifício de animais, cujos corpos eram cortados ao meio e colocados um em frente ao outro no chão. A aliança era feita quando ambas as partes caminhavam juntas entre as metades, declarando os termos do acordo. No entanto, no caso de Abraão, ocorreu algo extraordinário. As Escrituras dizem que foi Jeová quem fez um pacto com Abraão (Gênesis 15:18). O próprio Deus passou entre os animais enquanto Abraão dormia profundamente. Esse detalhe é muito significativo. O Senhor realiza o ato solene do pacto sem exigir que Abraão participe do ritual. Toda a cena está repleta de simbolismo comovente que revela o amor fiel de Deus. Primeiro, esse pacto foi selado com sangue, mostrando sua natureza solene e irrevogável. Segundo, ao passar sozinho entre os animais, Deus declarava que o cumprimento da aliança dependia unicamente Dele. E terceiro, a mensagem implícita era que, se o pacto fosse quebrado, o sangue derramado não seria o de Abraão, mas o do próprio Deus encarnado. E, de fato, foi isso que aconteceu. A Bíblia diz que no Calvário Cristo foi “ferido por nossas transgressões e esmagado por nossos pecados (Isaiás 53:5).

É evidente, como escreveu o Pastor Jones em *Advent Review and Sabbath Herald*, 09/01/1900, que este não é um pacto de aliança entre duas pessoas em que cada uma é igualmente responsável, mas sim um pacto de promessa de Deus, na qual somente Ele é responsável. O Senhor empenhou Sua própria vida para que todas as promessas feitas a Abraão se cumprissem e que nenhuma delas falhasse. O relato em Gênesis 15 é essencialmente uma cena onde somente Deus está presente, fazendo promessas. Não vemos nenhuma relação bilateral. Vemos Deus fazendo uma promessa completamente unilateral. Deus promete, e Abraão simplesmente recebe as promessas. A estrutura da passagem não mostra nenhuma negociação ou condição imposta ao patriarca. O que se destaca é a iniciativa divina, não o compromisso humano.

Apesar da clareza dos fatos, alguns tentam manter uma suposta natureza bilateral na aliança de Gênesis 15, e usam a seguinte declaração inspirada encontrada em *Patriarcas e Profetas*, pág. 116: “Abraão passou reverentemente entre as porções do sacrifício e fez um voto solene a Deus de obediência perpétua.” No entanto, é importante notar que Ellen White está simplesmente descrevendo o que Abraão fez de acordo com sua própria visão de mundo sobre o pacto, na qual os acordos humanos tipicamente envolviam compromissos mútuos. Em nenhum momento ela afirma que Deus teria pedido tal coisa a Abraão. É importante

considerar, de acordo com o contexto da citação de Patriarcas e Profetas, que Abraão passa sozinho entre os restos dos animais sacrificados depois de terem sido cortados. De acordo com a cultura da época, ambas as partes tinham que passar juntas entre os animais cortados para formalizar um pacto de sangue. Contudo, no relato bíblico, não vemos Deus passando juntamente com Abraão. O texto mostra que a ratificação do pacto ocorreu posteriormente, quando uma fornalha fumegante e uma tocha flamejante, símbolos da presença de Deus, passaram entre as partes, enquanto Abraão dormia profundamente, alheio ao que estava acontecendo. Portanto, o ato de Abraão não pode ser considerado uma participação constitutiva no pacto. O único que, em última instância, sela o pacto é o próprio Deus, enfatizando mais uma vez sua natureza unilateral. De fato, o apóstolo Paulo afirma que o único que fez um juramento naquele pacto descrita em Gênesis 15 foi o próprio Deus. Vejamos. Isso aparece em Hebreus 6:13-18. Pois, quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não havia ninguém maior por quem jurar, jurou por si mesmo. Por quem Deus jurou? Em Gênesis 15, ele jurou por si mesmo. Ele não jurou com base no juramento de Abraão. Ele jurou por si mesmo, dizendo: "Certamente te abençoarei com abundância e te multiplicarei grandemente." E, tendo esperado pacientemente, recebeu o que lhe fora prometido". Observe como o apóstolo Paulo descreve esse pacto: como uma promessa. "Pois as pessoas certamente juram por alguém maior do que elas mesmas, e para elas o fim de toda controvérsia é o juramento para confirmação. Portanto, querendo Deus mostrar mais abundantemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu propósito, interpôs um juramento para que, por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta; tenhamos forte encorajamento, nós, que agarramos a esperança que nos foi proposta". Se a ação de Abraão de passar entre as carcaças dos animais tivesse sido uma resposta a uma instrução direta de Deus, então o próprio Deus teria induzido Abraão a assinar sua própria sentença de morte, visto que a violação do pacto se pagava com a vida do transgressor. E Abraão, como todos sabemos, demonstrou incredulidade em diversas ocasiões a respeito da promessa divina. Afirmar que Deus pediu a Abraão que andasse entre os pedaços dos animais mortos seria equivalente a dizer que o Senhor voluntariamente o levou a um juramento que o condenaria, o que é incompatível com o caráter de Deus. Portanto, interpretar essa declaração de Ellen White como uma negação de que o pacto foi uma promessa unilateral feita por Deus a Abraão é forçar o texto e introduzir uma ideia imaginária para sustentar um preconceito.

Voltemos agora ao segundo livro da Bíblia e extraíamos as lições que ele nos oferece a respeito do pacto. A primeira menção do pacto eterno em Êxodo aparece praticamente em seus capítulos introdutórios. Em Êxodo 2:24, lemos o seguinte: "E Deus ouviu o gemido deles e lembrou-se de seu pacto com Abraão, com Isaque e com Jacó." No entanto, é no

capítulo 6 que encontramos uma explicação mais detalhada desse pacto do qual Deus se lembra. Do que ele consistia? Êxodo 6: 3-4, diz: "E eu apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó como Deus Todo-Poderoso, mas em meu nome Jeová não me dei a conhecer a eles. Também estabeleci meu pacto com eles para lhes dar a terra de Canaã, a terra onde foram peregrinos e na qual moraram". Novamente, o pacto é apresentado em termos de uma promessa. Deus assegura que dará ao Seu povo a terra de Canaã. Essa é a promessa, esse é o pacto, essa é a essência do que Deus está prometendo.

Não se trata de um acordo negociado ou um compromisso mútuo entre duas partes com responsabilidades equivalentes. A ênfase está na fidelidade divina e não na capacidade humana, reafirmando assim a natureza promissória e unilateral do pacto eterno. Podemos observar o mesmo na cena do Sinai, quando Deus conduz o Seu povo ao pé da montanha para receber a lei. Observe o que aparece em Êxodo 19:4-6, em relação a esse incidente. "Vocês mesmos viram o que eu fiz aos egípcios e como os carreguei sobre asas de águia e os trouxe a mim. Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardares meu pacto, então sereis o meu tesouro particular dentre todos os povos, porque toda a terra é minha; e vós me sereis um reino de sacerdotes e uma nação santa. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel".

A passagem nos mostra claramente que a base do pacto são as promessas divinas. Quais são essas promessas? Sereis o meu tesouro particular. Sereis um reino de sacerdotes e uma nação santa. Em outras palavras, a aliança não se baseia no que o povo pode oferecer, mas no que Deus, por sua graça, promete realizar neles. E o que Deus promete realizar neles? Deus promete torná-los sua propriedade especial. Deus promete estabelecê-los como seu sacerdócio real. Deus promete torná-los uma nação santa. O propósito de Deus ao conduzir Israel ao pé do Monte Sinai era que eles aceitassem seu pacto eterno. É importante notar que a palavra "guardar", usada na passagem que acabamos de ler, é a palavra hebraica "*shamar*" e não significa simplesmente obedecer. Segundo o dicionário bíblico *Strong*, esse termo abrange nuances como proteger, cuidar, valorizar, zelar, observar e meditar. Em outras palavras, Deus queria que Israel valorizasse as promessas de seu pacto. Seu chamado não era para que o povo agisse com base em seus próprios esforços humanos, mas para que ouvisse a voz de Deus e contemplasse, pela fé, as promessas que Ele mesmo havia feito. Uma vez que o povo ouvisse e aceitasse as palavras de Deus, seria capacitado a obedecer. Era essa mesma palavra, e não o seu próprio esforço, que produziria neles um espírito de obediência. O texto diz: "Se vocês ouvirem a minha voz, serão um reino de sacerdotes e uma nação santa". Aí podemos ver a causa e também o resultado nesse texto. A causa, a origem, a fonte é ouvir a minha voz. A palavra de Deus, a promessa de Deus, essa é a fonte, esse é o gatilho, o que

produziria um povo de sacerdotes e um povo santo. Note que a santidade, segundo este texto, não é resultado de nossa própria determinação, mas de permitir que a palavra de Deus opere em nós e produza aquilo que, por nossa própria força, jamais conseguiríamos alcançar.

Mas alguém poderia perguntar: será que a palavra de Deus é realmente tão poderosa a ponto de produzir santidade na humanidade? Será que a palavra de Deus possui esses poderes? Pode a palavra de Deus me tornar obediente e moldar a santidade de Cristo em minha vida? Pode o Senhor me dar um novo coração depois que eu ouvir atentamente o poder de sua palavra? Deixemos que Ellen White responda no livro de Educação, pág. 114: “Na palavra de Deus está a energia criadora que chamou os mundos à existência. Essa palavra transmite poder, ela gera vida. Cada mandamento é uma promessa aceita pela vontade, recebida na alma, traz consigo a própria vida do ser infinito, transforma a natureza e recria a alma à imagem de Deus”. Glória ao Senhor por esta maravilhosa e contundente declaração. A palavra de Deus tem a energia, o poder, a faculdade suficiente para transformar completamente nossas vidas, para nos dar o caráter de Cristo, para implantar em nós a própria obediência de Cristo.

Esse é o poder da palavra de Deus. Essa palavra poderosa que deu origem a coisas animadas e inanimadas, a coisas visíveis e invisíveis, pode transformar nossos corações, pode nos tornar um sacerdócio real, pode nos constituir um povo ou nação santa. A mensageira de Deus diz isso, a palavra de Deus assim estabelece claramente.

Voltemos agora ao tempo da monarquia de Israel e examinemos alguns dos versículos que Davi compôs em seu salmo de ação de graças quando a arca foi trazida de volta a Jerusalém. Em 1 Crônicas, 16:16-18, ele compôs o seguinte: "Do pacto que fez com Abraão e do seu juramento a Isaque, que confirmou a Jacó como estatuto e a Israel como aliança eterna, dizendo:

Vejam o que diz a passagem. Em que consiste essa aliança? Essa aliança que Deus fez com Abraão, esse juramento que Ele fez com Isaque, o juramento que reiterou a Jacó como um estatuto e ao povo de Israel como uma aliança eterna. Em que consiste essa aliança? “A ti darei a terra de Canaã, porque Sião é a tua herança.” Que passagem interessante! Ela é extremamente reveladora, pois mostra que a aliança dada a Abraão é exatamente a mesma aliança que Deus confirmou a Isaque e Jacó. Deus não tem múltiplos pactos. Deus tem apenas um pacto, o pacto eterno que foi revelado progressivamente ao longo da história. Cada geração recebeu a mesma promessa divina, adaptada ao seu contexto, mas sem alterar sua essência: a certeza da salvação provida pelo próprio Deus. O pacto eterno é apresentado

neste texto como uma promessa. Acabamos de lê-lo. De fato, Deus declara que Ele mesmo daria a terra aos descendentes de Abraão, Isaque e Jacó.

Voltemos agora ao livro dos Salmos. Os Salmos são um dos livros do Antigo Testamento que contém o maior número de alusões ao pacto. Examinemos uma dessas alusões. Salmo 89, 3-4, 28 e 34: “Fiz uma aliança com o meu escolhido. Jurei a Davi, meu servo, dizendo: ‘Estabelecerei a tua descendência para sempre e edificarei o teu trono por todas as gerações’. Não é esta uma promessa? “Manterei a minha misericórdia para com ele para sempre, e o meu pacto com ele permanecerá firme. Não quebrarei meu pacto, nem mudarei o que saiu dos meus lábios.” O pacto eterno foi revelado a Davi em termos de uma promessa. O salmista usa um quiasmo [disposição cruzada da ordem das partes simétricas de duas frases, de modo que formem uma antítese ou um paralelo] no versículo 28 para estabelecer uma correspondência entre o pacto e a misericórdia de Deus, mostrando que ambos os elementos, ambos os termos, são inseparáveis. O pacto é a garantia da misericórdia divina, e a misericórdia confirma o pacto. A passagem também destaca que o Senhor não se esquecerá de seu pacto. Ele é fiel às suas promessas. Outro texto que demonstra essa correspondência entre o pacto eterno e a misericórdia de Deus é o seguinte: Isaías 55:3: “Inclinem os ouvidos e venham a mim; ouçam e viverão, e farei com vocês um pacto eterno.” Em que consiste esse pacto? Observem o que a passagem diz: “as misericórdias firmes a Davi”.

Como é gratificante saber que a misericórdia do pacto é renovada a cada dia. Observem o que Jeremias escreveu em Lamentações 3:22-23: “Pois as suas misericórdias jamais acabam; renovam-se cada manhã; grande é a tua fidelidade.” É por isso que o pacto eterno também é chamado de novo pacto, porque a graça divina, que é o próprio coração do pacto, é manifestada e constantemente renovada em nossas vidas.

Voltemos agora aos escritos proféticos e observemos como os profetas do Antigo Testamento descreveram o pacto. O que era o pacto eterno para eles? Um dos textos que descreve com maior clareza e profundidade a natureza do pacto eterno encontra-se no livro do profeta Jeremias 31:31-33. Observe o que diz esta passagem: “Eis que vêm dias, declara o Senhor, em que ‘farei um novo pacto com a casa de Israel e com a casa de Judá, não como o pacto que fiz com seus pais. Dias em que os tomei pela mão para os tirar da terra do Egito, porque eles quebraram o meu pacto, embora eu fosse o seu marido’, diz o Senhor. ‘Mas este é o pacto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias’, diz o Senhor”. Observe em que consiste o pacto. Qual é o pacto para Jeremias? “Porei a minha lei no seu interior e a escreverei nos seus corações; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.” Este pacto que aparece em Jeremias 31:31-33, que é chamada de novo pacto, é o mesmo que aparece em

Jeremias 32:40, com a diferença de que, nesse texto, ele é chamado de pacto eterno. Como sabemos que é a mesma aliança?

Porque as promessas que Deus faz em Jeremias 31 são exatamente as mesmas que as que aparecem em Jeremias 32. Em Jeremias 31:33, Deus promete colocar a sua lei na mente e no coração das pessoas. Já em Jeremias 32:40, Deus promete dar-lhes um coração que o teme. Vamos ler: “Farei um pacto eterno com eles, para que eu não me afaste de lhes fazer o bem; porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim.”

Os dois adjetivos aplicados ao pacto nessas passagens são “novo” e “eterno”. Novo porque, como já mencionamos, a experiência da graça no coração humano se renova a cada dia e é eterna porque se originou na mente de Deus desde a eternidade. Ou seja, o pacto é uma realidade que transcende a humanidade. Ele foi orquestrado antes da criação deste mundo. Nem você nem eu estávamos lá no momento de sua constituição, no momento de sua origem, de sua fundação. Ellen White escreveu o seguinte a respeito dessa realidade que não podemos ignorar. Em *A Maravilhosa Graça de Deus*, pág. 130, ela declara: "A salvação da raça humana sempre foi o propósito dos Conselhos do Céu. o pacto da misericórdia foi estabelecido antes da fundação do mundo. Ele existe desde a eternidade passada e é chamado de pacto eterno. Assim como Deus nunca deixou de existir, nunca houve um momento em que não tenha sido a alegria da mente eterna manifestar Sua graça à humanidade”.

Agora, voltemos a Jeremias 31:33. O que Deus promete nessa passagem? Que, aliás, é a definição que o profeta dá do novo pacto ou do pacto eterno. O que Ele promete? Deus é quem faz as promessas ali. Isso é claro. Mas em que consistem essas promessas? Este é o pacto. O que farei? Darei a eles a Minha lei. A escreverei em seus corações. Serei o seu Deus. Perceberam? Quem realiza tudo isso em nós? Somos nós mesmos ou é o poder de Deus? É o poder de Deus. Portanto, a inscrição da lei no coração do homem é a promessa do pacto. A obediência não é o pré-requisito para o pacto, mas sim o que o próprio pacto nos oferece. A obediência não é a nossa contribuição para o pacto, mas sim o que o pacto nos dá. A obediência não é produto do esforço humano, mas sim o que Cristo faz por meio da fé em nós. Veja o que Ellen White escreveu a respeito de Jeremias 31:33. Este comentário inspirado está em *Patriarcas e Profetas*, pág. 389: “O novo pacto foi estabelecido sobre promessas melhores: a promessa do perdão dos pecados”. Eu pergunto: qual é o fundamento do pacto? Promessas. A citação afirma isso de forma clara e inequívoca. Não há necessidade de explicar esta parte. É abundantemente claro que o pacto é fundado em promessas — não apenas qualquer tipo de promessa, mas as melhores promessas, as promessas divinas. Quais

são essas promessas? Ellen White diz: "A promessa do perdão dos pecados e da graça de Deus para renovar o coração e trazê-lo em harmonia com os princípios da lei de Deus." As promessas são o perdão dos pecados e a obediência. Essas são as promessas. "A mesma lei que foi gravada em tábuas de pedra é escrita pelo Espírito Santo nas tábuas do coração. Em vez de tentarmos estabelecer nossa própria justiça, aceitamos a justiça de Cristo. Seu sangue expia nossos pecados. Sua obediência é aceita em nosso favor. Então, quando isso acontece, o coração renovado pelo Espírito Santo produzirá os frutos do Espírito pela graça de Cristo". Você ouviu isso? Pela graça de Cristo, não pelo nosso esforço humano, não pela nossa determinação, pela graça de Cristo, viveremos em obediência à lei de Deus escrita em nossos corações. Ao possuímos o Espírito de Cristo, andaremos como Ele andou. Que declaração maravilhosa!

O novo pacto também é descrito no livro de Ezequiel, onde é chamada de pacto de paz. Podemos ler isso em Ezequiel 34:25; 37:26. É interessante notar que a terminologia usada é muito semelhante à usada por Jeremias 31:33, para descrever o pacto. Veja o que o pacto significa para Ezequiel. Ezequiel 36:25-27: "Aspergirei água pura sobre vocês, e vocês ficarão purificados de todas as suas impurezas." É uma promessa? Sim, é. É uma ação que vem diretamente de Deus? Sim, é. Vamos continuar lendo. "E eu os purificarei de todos os seus ídolos." É uma ação de Deus? É uma promessa. Sim. "Eu lhes darei um coração novo." É uma promessa. Sim, é. "E porei um espírito novo dentro de vocês." É uma promessa, uma garantia de Deus para o povo. Sim, é. "E removerei o coração de pedra da carne de vocês." Outra promessa. "E lhes darei um coração de carne novamente." A promessa se repete. "E porei o meu Espírito dentro de vocês e farei" — quem faria isso? Deus. "E farei com que vocês andem nos meus estatutos, guardem os meus preceitos e os cumpram." Quem faz a promessa? Em Ezequiel 36:25-27, é o próprio Deus quem promete. O que Deus promete? Purificação espiritual, um novo coração, um novo espírito, o Espírito Santo ou o Espírito de Deus habitando em nós e a capacidade de obedecer aos seus mandamentos.

Você percebeu? Tudo isso não depende de nós, mas Deus realiza em nós. Ele é quem transforma, ele é quem capacita, ele é quem cumpre a sua palavra. Deus dá e o homem recebe. Esta é a essência do novo pacto. O próprio Deus se compromete a operar em nós, tanto o querer quanto o fazer, segundo a sua boa vontade. Esta não é meramente uma reforma externa, mas uma renovação interna e espiritual, onde a lei de Deus deixa de ser um código rígido, imposto de fora, e se torna um princípio vivo, inscrito nas profundezas dos nossos corações, no âmago do nosso ser. Assim, a obediência deixa de ser uma obrigação forçada e se torna a expressão natural de um coração transformado pela graça de Deus.

Finalmente chegamos ao Novo Testamento nesta jornada que estamos empreendendo sobre o pacto eterno, explorando a palavra "pacto" na Bíblia e o que cada parte significa e o que as Escrituras dizem algo a respeito disso.

Pergunto: quem é a figura mais adequada, por assim dizer, para nos explicar a natureza do pacto no Novo Testamento? Não acham que é o apóstolo Paulo? Sob a inspiração do Espírito Santo, Paulo desenvolve com extraordinária profundidade a relação entre a promessa feita a Abraão, a obra de Cristo e a experiência do crente. Vejamos algumas passagens bíblicas onde o apóstolo desenvolveu o conceito do pacto eterno. A primeira delas está em Gálatas 3:15-18. Diz o seguinte: “Irmãos, falo em termos humanos: um pacto humano, uma vez ratificado, não pode ser anulado nem acrescentado. Ora, as promessas foram feitas a Abraão”. Esperem um minuto, ele está falando do pacto, mas agora está falando das promessas. Por quê? Por que isso? Porque o pacto, como vimos, é uma promessa. “E à sua descendência. Ele não diz: E às descendências, como se falasse de muitas, mas como de uma só. E à tua descendência, que é Cristo”. Digo, portanto, que o pacto previamente ratificado por Deus com Cristo, a lei que veio 430 anos depois não a revoga, invalidando a promessa. Porque, se a herança é pela lei, já não é pela promessa. Mas Deus a concedeu a Abraão por meio da promessa.

A palavra pacto que aparece no versículo 15 é a palavra grega *diatheké*, que tem um significado muito especial. Veja o que diz o Comentário Bíblico Adventista, vol. 6, pág. 956. Observe que “era uma provisão preparada unilateralmente, ou de tal forma que a outra parte pudesse aceitá-la ou rejeitá-la, mas não alterá-la. A palavra que corresponde a um pacto ou acordo onde duas partes estão unidas em termos iguais é *syntheké*, que não aparece no Novo Testamento. No entanto, Paulo usa *diatheké*, aliança do homem, testamento, última vontade e testamento para ilustrar o pacto de Deus com Abraão”. Por que o Novo Testamento não usa *syntheké* e sempre usa *diatheké* ao falar de pacto? A razão pela qual o Novo Testamento nunca usa o termo *syntheké*, mas sim *diatheké*, é porque *syntheké* descreve um acordo entre iguais, onde qualquer uma das partes pode modificar os termos do pacto. No entanto, o conceito de pacto tem um significado muito diferente na Bíblia. Deus e o homem não estão em pé de igualdade. É Deus, movido por seu amor e graça infinita, quem oferece o pacto ao homem, quem dá o pacto ao homem, quem concede a promessa ao homem. O homem, por sua vez, não tem a capacidade de alterar o conselho divino, o conselho de paz, o pacto eterno. Ele não pode. O homem não é Deus para fazer isso. O homem não pode mudar ou anular o pacto. O que o homem pode fazer com o pacto como uma promessa é aceitá-la ou rejeitá-la. O versículo 16 declara o seguinte: "As promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência." O versículo 18, por sua vez, estabelece que Deus concedeu a Abraão a herança por meio da promessa. No entanto, quando examinamos a passagem original da qual essas

ideias são extraídas, observamos que o que Deus fez com Abraão foi um pacto. Veja o que diz Gênesis 15:18: "Naquele dia, o Senhor fez um pacto com Abraão, dizendo: 'À tua descendência darei esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio, o Eufrates.'" Isso significa que a Bíblia se contradiz ao falar de um pacto em Gênesis e de uma promessa em Gálatas? De modo algum. É evidente que, para as Escrituras, como vimos ao longo desta apresentação, as palavras pacto e promessa são conceitos equivalentes. De fato, em Gálatas 3:17, essa troca de termos é evidente.

Paulo menciona primeiro os constituintes do pacto, que são Deus e Cristo. Ou seja, a divindade é a origem do pacto eterno. Ele então afirma que os eventos no Sinai não anulam o pacto e finalmente declara que esses eventos não invalidam a promessa. Esperaríamos que o apóstolo Paulo dissesse: "não invalidem o pacto", já que é disso que Paulo está falando no contexto imediato da passagem. No entanto, ele usa a palavra "promessa" para se referir ao pacto, o que confirma que ambos os termos são usados de forma intercambiável nas Escrituras. Negar isso é negar o texto bíblico. É simples assim, claro.

Observe agora como o Comentário Bíblico Adventista define o pacto eterno em sua análise do texto que lemos em Gálatas 3. No vol. 6, pág. 957, o Comentário Bíblico Adventista diz o seguinte: "A promessa da aliança não foi acrescentada a nada; foi dada pessoalmente por Deus. Portanto, Gálatas 3:20 poderia ser parafraseado desta forma: Agora, um mediador implica um acordo entre duas partes, mas a promessa da aliança era unilateral, dependente apenas de Deus e, portanto, não exigia um mediador. O novo ou eterno pacto concedido por Deus a Abraão era simplesmente na forma de uma promessa. Basta aceitar a promessa pela fé, e a obediência segue naturalmente.

Um detalhe que não podemos ignorar em Gálatas 3 são os constituintes do pacto. Paulo afirma que o pacto foi ratificado por Deus com Cristo em Gálatas 3:17. Ou seja, a própria divindade é quem origina e estabelece o pacto. Em plena harmonia com o que diz o texto bíblico, Ellen White escreve o seguinte em Manuscritos Inéditos, vol. 1, pág. 107: "O Pai e o Filho concordaram com um pacto para salvar o mundo por meio de Cristo, que se entregou para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Nenhum poder humano ou angelical poderia estabelecer um pacto como este".

É evidente que nenhum de nós existiu desde a eternidade para fazer um pacto com Deus para a nossa própria salvação. Nossa salvação foi concedida, como Efésios 1:3-4 diz, "nos lugares celestiais, em Cristo, antes da fundação do mundo". Antes de você e eu existirmos. Portanto, a humanidade não é uma parte ou constituinte do pacto, mas uma beneficiária do

pacto. E onde aparece nos escritos de Ellen White que a humanidade é beneficiária do pacto? Leiamos O Desejado de Todas as Nações, pág. 17: “Para nos assegurar dos benefícios do Seu conselho imutável de paz”. Não é o conselho de paz que é o pacto eterno ou novo pacto? “Deus deu o Seu Filho unigênito para que ele pudesse se tornar um membro da família humana e conservar para sempre a Sua natureza humana. Tal é a garantia de que Deus cumprirá a Sua promessa”. A frase “para assegurar os benefícios” indica que existem beneficiários. E quem são esses beneficiários? Nós somos: a humanidade, que recebe o dom de Cristo.

Vamos agora à Epístola aos Hebreus. O que o apóstolo Paulo escreve sobre o pacto na Epístola aos Hebreus? Hebreus 9:15-16: “Portanto, ele é o mediador de um novo pacto, para que os chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que ele morreu como resgate para libertá-los dos pecados cometidos sob o primeiro pacto. Pois, quando se trata de testamento, é necessário que se confirme a morte de quem o fez.” A Epístola aos Hebreus é a carta do pacto eterno. Entre suas 14 referências ao pacto, Paulo descreve o pacto eterno nesta passagem em termos de um testamento. Ou seja, o pacto é a promessa de Deus da nossa herança.

O que é um testamento? Um testamento é uma declaração escrita na qual alguém expressa seus últimos desejos e dispõe de seus bens após a morte. Em um testamento, o beneficiário recebe sem oferecer nada em troca. Não há acordo mútuo. O beneficiário não negocia com o doador, mas sim herda dele. Da mesma forma, Deus nos oferece seu pacto e suas bênçãos como herança pela graça, não por algo que possamos fazer.

Vamos agora a Hebreus 13:20-21 e observemos outra das 14 referências que Paulo faz ao pacto eterno: “Ora, o Deus da paz, que trouxe de volta dentre os mortos o nosso Senhor Jesus Cristo, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue do pacto eterno vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade, operando Ele em vós o que perante ele é agradável, por meio de Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém”.

O sangue do pacto eterno, que é o sangue de Cristo, segundo Mateus 26:28, promete nos equipar com toda a boa obra. O mesmo sangue que permite a Cristo fazer em nós o que é agradável aos olhos de Deus é o sangue que também nos perdoa. É o Seu sangue, é a Sua graça, não o nosso fraco esforço humano que realiza a obra mencionada em Hebreus 13:20-21. Obediência, boas obras não são fruto da nossa própria força. É o dom do pacto, é a promessa do pacto. A passagem afirma isso claramente. É o benefício que o pacto concede a todos que o recebem pela fé. Cristo em nós. Essa é a própria promessa do pacto. A obra de

Cristo renovando a humanidade, transformando o seu caráter. É isso que o pacto promete fazer em nós, se não rejeitarmos a Sua graça, se não rejeitarmos a atração da própria cruz.

Agora, na análise dessas passagens bíblicas que realizamos, podemos chegar a uma conclusão lógica e inevitável, e também a uma questão transcendental. A conclusão lógica e inevitável é que se o novo pacto ou pacto eterno é a promessa de Deus de tornar o homem obediente, então o antigo pacto deve representar o oposto. O que é então o antigo pacto? A vã e infrutífera promessa do homem de obedecer a Deus por si mesmo, por meio de seu esforço, por meio de sua educação, por meio de sua vontade.

Paulo enfatiza o contraste entre ambos os pactos declarando o seguinte. Por exemplo, em 2 Coríntios 3:6, ele diz que o novo pacto é vida, enquanto o antigo pacto é morte. Também em 2 Coríntios 3:9, ele diz que o novo pacto justifica, enquanto o antigo pacto condena. Em Gálatas 4:24 e 26, o apóstolo declara que o novo pacto traz liberdade, enquanto o antigo pacto gera escravidão. Como você pode ver, não estamos falando de duas peças do mesmo quebra-cabeça, mas de duas peças de dois quebra-cabeças diferentes. Ou seja, o antigo pacto é contrário ao novo pacto. Se o novo pacto é a promessa de Deus de nos tornar obedientes, o antigo pacto deve ser o oposto. Ou seja, a promessa infrutífera do homem. O homem comprometendo-se a prestar completa obediência a Deus quando não tem o poder de fazê-lo por si mesmo. Esse é o antigo pacto.

O Pastor A. T. Jones resumiu isso magistralmente na seguinte declaração: “O antigo pacto, o pacto do Sinai, resume-se na palavra "Eu". O novo pacto, o pacto eterno, resume-se na palavra "Cristo". O antigo pacto é "Eu" e sua "justiça". O novo pacto é Cristo e a justiça de Deus. O antigo pacto é "Eu", a escravidão do pecado e as obras da lei. O novo pacto é Cristo e a "liberdade da justiça que vem pela fé". O antigo pacto, "Eu", deve ser categoricamente rejeitado e repudiado para que o novo pacto, que é Cristo, possa ocupar o seu devido lugar e manifestar o seu poder salvador”.

Ellen White expressou a diferença entre o novo pacto e o antigo pacto da seguinte maneira em Manuscritos Inéditos, vol. 1, pág. 116: “O espírito de escravidão nasce da busca por viver uma religião legalista”. Percebe como ela descreve o antigo pacto? Como um espírito de escravidão, um espírito que vive constantemente sob a aba de uma religião legalista, uma religião de formas, ritos e regras, completamente separada de Cristo. Uma religião que se esqueceu de que Cristo é o único que pode lhe dar o poder de obedecer a esses mandamentos, “lutando, para cumprir as exigências da lei com a nossa própria força. Há esperança para nós somente quando aceitamos o pacto abraâmico”. O que é o pacto abraâmico? O novo pacto, o

pacto eterno, “que é o pacto da graça, por meio da fé em Jesus Cristo. O evangelho pregado a Abraão, pelo qual ele teve esperança, é o mesmo evangelho pregado a nós hoje, pelo qual temos esperança. Abraão contemplou Jesus, que também é o autor e consumidor da nossa fé”. Assim, Ellen White, em seus escritos, também pôde ver esse contraste entre o novo e antigo pacto.

Lembre-se de que esta foi a conclusão lógica e evidente de tudo o que estudamos. Agora, também levantamos a questão de que, na análise das passagens, surge uma questão transcendental após essa jornada bíblica sobre a palavra "pacto". E qual é essa questão transcendental? Se o pacto é uma promessa, qual é a nossa parte? Essa é a questão transcendental. Qual é a nossa parte?

A natureza humana anseia pelo protagonismo. Nos custa sermos impressionados pela magnitude do sacrifício de Cristo e, como consequência, insistimos repetidamente em perguntar sobre a nossa parte como se algo do pacto dependesse do nosso mérito. O orgulho nos cega e nos impede de reconhecer que não podemos cumprir nossas próprias promessas. De fato, Ellen White escreve em Caminho a Cristo, pág. 47: "Suas promessas e resoluções são tão frágeis quanto teias de aranha". Ou seja, não somos nada e não temos nada a oferecer, nada, absolutamente nada, exceto um coração corrompido pelo pecado. Com razão, a testemunha fiel e verdadeira nos descreve como uma igreja que declara orgulhosamente: "Sou rico, enriqueci e não preciso de nada", quando na realidade somos miseráveis, pobres, cegos e nus.

Contudo, não precisamos permanecer na incerteza; não precisamos filosofar sobre qual é a nossa parte no pacto. Deixemos que a Bíblia e os testemunhos inspirados respondam claramente a esta questão. Assim, descobriremos que a nossa parte não é contribuir, mas receber. A nossa parte não é prometer, mas aceitar a promessa. Não é tentar produzir vida, mas abrir os nossos corações para que Deus possa produzir essa vida em nós.

Atos dos Apóstolos 16:30-31: “E, trazendo-os para fora, disse-lhes: ‘Senhores, que devo fazer para ser salvo?’ Eles responderam: ‘Creia no Senhor Jesus Cristo, e você e a sua família serão salvos’”.

João 6:28-29: Então lhe perguntaram: "Que devemos fazer para realizar as obras de Deus?" Esta pergunta foi feita a Cristo. E vejam o que ele respondeu. Jesus respondeu: "A obra de Deus é esta: que creiais naquele que ele enviou."

João:1:12: "Mas a todos que O receberam". O que se deve fazer: Recebê-lo. "Aos que creem". O que se deve fazer? Receber a fé em Cristo para crer. "Aos que creem em seu nome, ele deu o direito de se tornarem filhos de Deus". É isso que a Bíblia diz.

Vamos agora ao espírito de profecia. Haverá concordância? Vejam o que Ellen White diz em Nos Lugares Celestiais, pág. 14: "Você deve receber Cristo como seu Salvador pessoal e deve crer nele. Receber e crer é sua parte no contrato".

Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 402: "Tudo". Vocês ouviram isso?. Não diz algumas coisas. Não há cláusula de exceção nessa declaração muito clara. "Tudo o que o homem tem a possibilidade de fazer por sua própria salvação é aceitar o convite. Que aquele que quiser tome de graça da água da vida".

Agora, observe esta citação de Fé e Obras, pág. 22 e 26. Se ainda não estiver claro, acredito que com esta declaração que leremos a seguir, haverá mais luz a respeito de qual é a nossa parte no contexto do pacto da promessa. "Nada menos do que o dever prescreve deve ser dado, e não se pode entregar um jota a mais do que se tem recebido primeiro. E tudo deve ser colocado no fogo da justiça de Cristo para purificá-lo de seu odor terreno antes que se eleve em uma nuvem de incenso perfumado ao grande Jeová e ser aceito como um doce perfume. Eu me pergunto, como posso apresentar este tópico exatamente? O Senhor Jesus", não nós, Cristo, o Senhor Jesus, "concede todas as faculdades, toda a graça, toda a contrição, todo o bom impulso, todo o perdão dos pecados apresentando Sua justiça para que o homem a faça sua por meio de uma fé viva, que também é dom de Deus.

E na pág. 26, ela diz: "Deve haver uma coparticipação na qual todo o poder é de Deus e toda a glória pertence a Deus." Nessa coparticipação, ela declara aqui que todo o poder emana de quem? De Deus. E toda a glória vem de quem? De Deus. Pertence a Deus. "A responsabilidade é nossa". Agora, do que se trata essa responsabilidade? Qual é a nossa parte? Em que consiste essa coparticipação? Observe o que ela vai dizer. "Devemos receber em pensamentos e sentimentos para dar expressão. "A combinação do poder divino e do agente humano". Não diz o poder do agente humano, diz o agente humano. E qual é a parte do agente humano? Acabamos de ler. A responsabilidade não reside em nós, e nova responsabilidade é somente receber em pensamento e no sentimento. "A combinação do poder divino com o agente humano [que recebe esse poder divino] será um sucesso completo". Ouçam isto: "porque a justiça de Cristo, e não a nossa, é a justiça de Cristo que realiza tudo".

Louvado seja o nome de Deus. Nossa parte no pacto não é criar a fé, mas recebê-la. A fé que Cristo nos dá, aquela fé que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus. Nem é nossa responsabilidade trabalhar com nosso próprio esforço e dedicação humana, mas permitir que o Espírito Santo nos transforme, sendo assim criados em Cristo Jesus para as boas obras que Deus preparou de antemão para que as praticássemos. Nossa parte é confiar e receber. Deus realiza a obra em nós. Na salvação, o homem não contribui com mérito algum. Não cria o dom, não o financia, unicamente o recebe pela fé ou o rejeita. Não tentemos fazer o que só Deus pode fazer. E o que Deus pode fazer em nós? Qual é a única coisa que a poderosa palavra do Criador pode produzir no coração do homem? Obediência. Se assumirmos essa atitude de fazer a parte de Deus, nossas vidas serão um fracasso espiritual.

Vejam o que diz o livro Caminho a Cristo, pág. 69-70: “Muitos têm a ideia de que devem fazer alguma parte do trabalho sozinhos. Eles confiaram em Cristo para obter o perdão de seus pecados, mas agora tentam viver retamente por seus próprios esforços. Mas todos esses esforços falharão. Pela fé vocês vieram a pertencer a Cristo, e pela fé vocês devem crescer nEle, dando e recebendo”. Entreguem a Ele todo o coração, a vontade, a vida.” Vejam. Qual é a nossa parte? “Entreguem-se a Ele para obedecê-Lo em tudo o que Ele lhes pedir, e vocês receberão tudo”. O que receberemos se entregarmos a Ele nossos corações? Ouçam isto. “A Cristo, a plenitude de toda bênção, para habitar em vossos corações, para ser vossa força, vossa justiça, vosso auxílio eterno e para vos dar poder para obedecer”. É isso que devemos fazer: entregar-nos a Cristo para receber tudo dEle. E o que recebemos de Cristo? Fé, arrependimento, obediência, o caráter de Cristo. Tudo de bom. E todo dom perfeito vêm do Pai das luzes. Não vêm do nosso esforço; vêm da graça e da justiça de Cristo.

Agora, quero fazer uma pergunta para concluir. Deus, no fim da história, cumprirá a promessa da aliança eterna com o Seu povo? Vejam o que diz 1 Coríntios 1:20: “Pois todas as promessas de Deus são ‘sim’ nele, e ‘amém’ nele, por nosso intermédio, para a glória de Deus”. Portanto, a resposta a esta pergunta é um retumbante sim. Deus cumprirá a promessa do pacto. É possível que, antes da segunda vinda de Cristo, Deus levante uma geração que tenha a lei gravada em seu coração pelo poder da Sua justiça. É possível que o Senhor levante uma geração que reflita plenamente o caráter de Cristo no fim do grande conflito? A resposta é claramente sim. A Bíblia ensina isso.

Vejamos como termina a mensagem do terceiro anjo. Esta mensagem que deve ressoar de uma extremidade da terra à outra para preparar o caminho do Senhor. Em Apocalipse 14:12, o vidente de Patmos escreve: “Aqui está a perseverança dos santos, daqueles que guardam os

mandamentos de Deus e a fé em Jesus”. O pacto eterno se cumprirá na vida de todo filho de Deus que receber Sua promessa com fé. No fim do conflito, ninguém poderá duvidar do poder transformador do amor de Deus, que perdoa, capacita, purifica e produz obediência naqueles que confiam plenamente Nele. A questão é: você receberá a promessa transformadora do pacto? A promessa do pacto é a única coisa que pode verdadeiramente nos transformar. A promessa do pacto é a única coisa que pode fazer sua vida irradiar o amor de Deus. A promessa do pacto é a única coisa que pode fazer seu casamento funcionar de acordo com o plano de Deus. A promessa do pacto é a única coisa que pode mudar o relacionamento rompido que você tem com seus filhos, preenchendo esse relacionamento com compreensão, paciência e bondade. A promessa do pacto é a única coisa que fará com que a igreja se torne uma igreja triunfante, uma verdadeira família espiritual, onde permanecemos unidos na verdade e fazemos das necessidades dos outros as nossas próprias necessidades.

Eu quero essa promessa. Anseio que a promessa da aliança seja cumprida em minha vida. Eu preciso dela. Preciso que essa promessa seja consumida em meu ser, em minha vida contaminada pelo pecado, em meu coração manchado pelo orgulho e autogratificação. E você também quer que essa promessa seja cumprida em sua vida? Meu querido irmão, receba essa promessa agora. Receba-a pela fé. E quando você a receber pela fé em Cristo, essa promessa transformará completamente sua vida. Essa promessa transformará completamente seu coração. Essa promessa renovará completamente o seu ser. Aqueles pensamentos que você antes não conseguia vencer, Cristo lhe dará o poder de vencê-los dentro de você. Aquela disposição que não podia ser mudada, Cristo a mudará porque Ele tem o poder para fazer isso. A questão é: permitiremos que Ele o faça? Vejam o que diz Hebreus 10:16. E com esta passagem, concluo esta apresentação:” Este é o pacto que farei com eles depois daqueles dias, diz o Senhor”. Façamos dessa promessa a nossa própria. O que Deus nos promete neste tempo do fim, neste tempo de controvérsia, neste tempo em que as águas do conflito final estão sendo agitadas intensamente? O que Deus promete ao Seu povo neste tempo? “Porei as minhas leis nos seus corações e as escreverei nas suas mentes”. Que o Senhor os abençoe nesta ocasião.